

Mata Atlântica de menos

Monitoramento revela que resquícios são menores do que se imaginava

Editoria de Arte

Luciana Conti

Um olhar mais preciso dos especialistas revelou que a situação da Mata Atlântica no Estado do Rio é ainda mais preocupante do que se imaginava. O terceiro monitoramento de resquícios de Mata Atlântica realizado pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), cujos resultados serão lançados hoje, mostrou aos técnicos que restam apenas 17% (750 mil hectares) do território fluminense cobertos pela mata nativa. Em 1995, acreditava-se que 21% (890 mil hectares) da área do estado ainda preservasse a vegetação natural que, em 1500, cobria 97% do Rio.

A diferença não é irrelevante. Trata-se de 140 mil hectares, ou 28 vezes a área da Floresta da Tijuca, o coração verde da capital do estado. A degradação ainda mais acentuada da Mata Atlântica não foi apenas o resultado de uma ação mais agressiva do homem, mas também da mudança da metodologia da pesquisa que hoje trabalha com uma escala bem maior, o que permite a visibilidade perfeita de áreas superiores a dez hectares, quando antes o foco mínimo era de 25 hectares. Os técnicos do SOS Mata Atlântica afirmam também que, apesar de a devastação continuar, seu ritmo caiu sensivelmente desde 1995, quando o estado ganhou o título de campeão de desmatamento da Mata Atlântica.

— Percebemos que a Mata Atlântica era muito mais fragmentada do que acreditávamos. Onde antes víamos uma mancha verde, hoje vemos que há buracos na vegetação — explicou a coordenadora da pesquisa no SOS, Márcia Hirota.

Controle social tem ajudado a preservar

• Para o diretor da Fundação Mata Atlântica, Mário Mantovani, a redução do ritmo do desmatamento se deveu mais à reação das pessoas à devastação desenfreada do que à ação do estado. Ele alerta que os dados da pesquisa apontam para a necessidade de que cada cidadão redobre a fiscalização e denuncie ao poder local irregularidades. Segundo ele, a tarefa não cabe mais às grandes esferas — União e governos

O que restou do verde

Em 1500, a Mata Atlântica ocupava 97% do estado.

Em 1995, quando o Rio foi campeão de desmatamento, ocupava 21% (o equivalente a 178 Florestas da Tijuca).

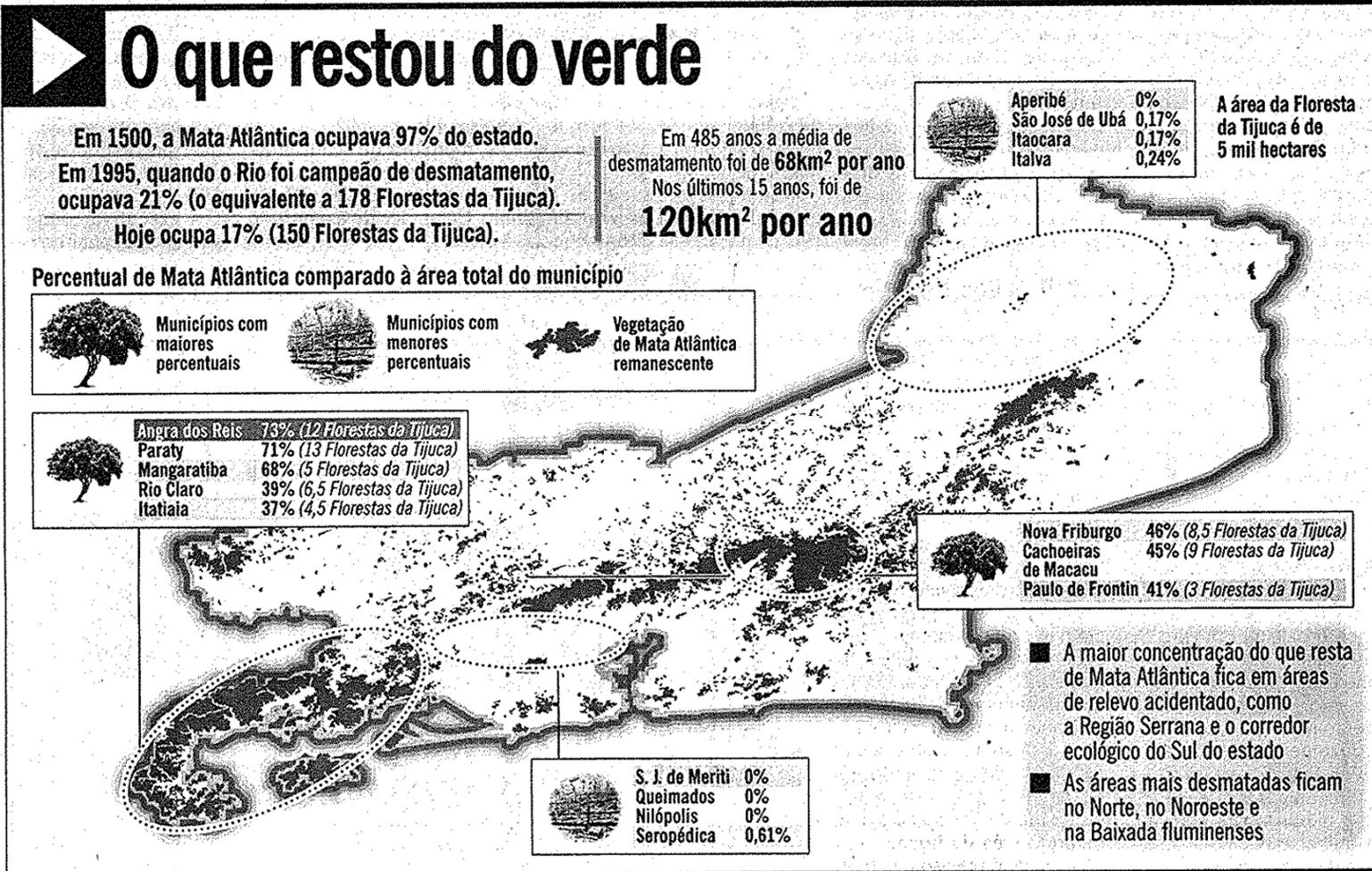
Hoje ocupa 17% (150 Florestas da Tijuca).

Em 485 anos a média de desmatamento foi de 68km² por ano. Nos últimos 15 anos, foi de 120km² por ano

Percentual de Mata Atlântica comparado à área total do município



Angra dos Reis	73% (12 Florestas da Tijuca)
Paraty	71% (13 Florestas da Tijuca)
Mangaratiba	68% (5 Florestas da Tijuca)
Rio Claro	39% (6,5 Florestas da Tijuca)
Itaiaia	37% (4,5 Florestas da Tijuca)



- A maior concentração do que resta de Mata Atlântica fica em áreas de relevo acidentado, como a Região Serrana e o corredor ecológico do Sul do estado
- As áreas mais desmatadas ficam no Norte, no Noroeste e na Baixada fluminense

estaduais — mas aos prefeitos e vereadores, que têm de impedir o uso irracional do solo urbano.

— A indignação do cidadão contra o desmatamento e sua reação têm que aumentar. O controle não depende mais do olho do satélite. Agora tem que ser o nosso olho, que ao ver algum desmatamento tem que denunciar — diz Mantovani.

O apelo tem base nos dados levantados pelos pesquisadores. Márcia conta que eles observaram que a maior parte dos desmatamentos está ocorrendo em áreas de um ou dois hectares para a construção de casas ou para a agricultura.

— Isso é o efeito formiga, que vem acontecendo muito em Petrópolis, na Região Serrana. Daí a necessidade de uma fiscalização eficiente nos municípios — explicou Márcia, contando que hoje o município tem apenas 24,5% de sua área cobertos pela Mata Atlântica.

Para ajudar na ação de fiscaliza-

ção do poder local, a SOS Mata Atlântica e o Inpe produziram mapas de todos os 91 municípios do estado que serão entregues aos prefeitos. Os melhores resultados foram encontrados em Angra dos Reis, no Litoral Sul, onde 73% de seus 81.629 hectares ainda são cobertos por Mata Atlântica.

— Este resultado se deve à Ilha Grande. Não fosse isso, Angra ficaria atrás de Paraty, que é a segunda com 71% de sua área cobertos — explicou Márcia.

Se Angra e Paraty são bons exemplos de preservação, há municípios que apresentam resultados alarmantes. Há locais onde a Mata Atlântica não cobre nem mesmo 1% da área total do município. Os piores resultados estão em São João de Meriti, em Queimados e em Nilópolis, na Baixada Fluminense, e em Aperibé, no Norte Fluminense. Nessas cidades não há nenhum hectare de Mata Atlântica preservado. ■

Mata garante qualidade de vida

Floresta é patrimônio mundial e reserva da biosfera

• A importância da Mata Atlântica para a qualidade de vida dos cem milhões de brasileiros que vivem em sua área é tão grande que basta dizer que seu ecossistema é responsável pelo controle do clima e dos mananciais hídricos que abastecem cerca de dois terços da população do Brasil. Apesar disso, dos um milhão e 360 mil de quilômetros quadrados de floresta que cobriam o Brasil, em 1500, restaram apenas cem mil quilômetros quadrados, o que equivale a 1% do território nacional.

Nas florestas de Mata Atlântica, ainda existem comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Grande parte das áreas remanescentes de Mata Atlântica foi reconhecida pela ONU como patrimônio mundial e pela Unesco como reserva da biosfera. A riqueza do ecossistema da Mata Atlântica foi reconhecida, em 1993, por pesquisadores brasileiros e americanos, do New York Botanical Garden, que encontraram 450 espécies de árvores por hectare em uma área próxima a Ilhéus, na Bahia. O recorde anterior de diversidade de espécies de árvores era da Amazônia peruana, onde, em 1986, haviam sido identificadas 300 espécies.